

A relação entre Daniël Heinsius e Hugo Grotius: um estudo iconológico de três emblemas

Helmut Renders*

Resumo

A base desse estudo iconológico são três emblemas [*Omnia vincit amor* (1601) de Daniël Heinsius (1580-1655) com uma *subscriptio* de Hugo Grotius (1583-1645); *Hugo Grotius com 49 anos* (1632) com uma *subscriptio* de Daniël Heinsius e a capa da edição inglesa da obra *Lei para Guerra e Paz* de Grotius (1654) com um epigrama de Heinsius de 1632. O desafio da análise iconológica dos três epígrafos nas gravuras e no livro reside no fato que os dois homens, depois de uma fase de amizade acadêmica, pertenciam ao Sínodo de Dort (1618-1619) a grupos opostos, sendo Grotius apoiador do grupo dos remonstrantes ou seguidores de Jacobus Armínius (1560-1609), já Heinsius integrante do grupo dos gomares ou seguidor de Franciscus Gomarus (1563-1541) e secretário dos Estados Gerais. Na ocasião, Grotius foi condenado a pena de prisão perpétua, porém conseguiu fugir da prisão em 1621 para a França de onde entrou no serviço diplomático sueco em 1635, após uma tentativa frustrada de retornar para os Países Baixos durante os anos de 1631-1632. As iconografias e os epígrafos são lidos diante desse contexto a partir do método iconológico de Erwin Panofsky em combinação com a teoria de emblemas. A pergunta norteadora dessa pesquisa é: o que emblemas e epigramas revelam sobre uma eventual reaproximação ente Heinsius e Grotius a partir de 1632? Como resultado demonstra-se que o emblema e epígrafo de 1632 unem argumentos que fazem uma retomada do contato entre os dois plausível, inclusive, com um tom de apreciação.

Palavras-chave: Cultura visual evangélica; emblemas renascentistas; Hugo Grotius; Daniël Heinsius; Sínodo de Dort.

The relation between Daniël Heinsius and Hugo Grotius: an iconological study of three emblems

Abstract

The basis of this iconological study are three emblems [*Omnia vincit amor* (1601) by Daniël Heinsius (1580-1655) with a *subscriptio* by Hugo Grotius (1583-1645); *Hugo*

* Doutor em Ciências da Religião (Umesp, 2006), estágios de Pós-Doutoramento em Ciência da Religião (UFJF, 2011) e História da Arte (Unifesp, 2022). Professor do PPG em Ciências da Religião e do curso de Bacharel em Teologia da Umesp. E-mail: helmut.renders@metodista.br

Grotius aged 49 (1632) with a *subscriptio* by Daniël Heinsius and the front cover of the English edition of Grotius' *Law for War and Peace* (1654) with an epigram by Heinsius from 1632]. The challenge of the iconological analysis of the three epigraphs in the engravings and in the book lies in the fact that the two men, after a period of an academic friendship, belonged in the Synod of Dort (1618-1619) to opposing groups, Grotius being a supporter of the group of Remonstrants or followers of Jacobus Arminius (1560 -1609) and Heinsius, member of the Gomares group or follower of Franciscus Gomarus (1563-1541). and Secretary of the States General. On that occasion, Grotius was sentenced to life imprisonment, but managed to escape from prison in 1621 to France, where he entered the Swedish diplomatic service in 1635, after an unsuccessful attempt to return to the Netherlands during the years of 1631-1632. The epigraphs will be read in this context from the iconological method of Erwin Panofsky in combination with the theory of emblems. The guiding question is: what do emblems and epigraphs reveal about an eventual rapprochement between Heinsius and Grotius from 1632 onwards? As a result, it is proven that the emblem and epigraph of 1632 unite arguments that make a resumption of contact between the two plausible, including with a tone of appreciation.

Keywords: Evangelical visual culture; Renaissance emblems; Hugo Grotius; Daniël Heinsius; Synod of Dort.

La relación entre Daniël Heinsius y Hugo Grotius: un estudio iconológico de tres emblemas

Resumen

la base de este estudio iconológico son tres emblemas [*Omnia vincit amor* (1601) de Daniël Heinsius (1580-1655) con una *subscriptio* de Hugo Grotius (1583-1645); *Hugo Grotius de 49 años* (1632) con *subscriptio* de Daniël Heinsius y la portada de la edición inglesa de *Ley para la Guerra y la Paz* de Grotius (1654) con epigrama de Heinsius de 1632. El desafío del análisis iconológico de los tres epígrafes en los grabados y en el libro radica en el hecho de que los dos hombres, después de un periodo de amizade académica pertenecían en el Sínodo de Dort (1618-1619) a grupos opuestos, siendo Grotius partidario del grupo de Remonstrants o seguidores de Jacobus Arminius (1560 -1609) y Heinsius, miembro del grupo Gomares o seguidor de Franciscus Gomarus (1563-1541) y Secretario de los Estados Generales. En aquella ocasión, Grotius fue condenado a cadena perpetua, pero logró fugarse de prisión en 1621 a Francia, donde ingresó en el servicio diplomático sueco en 1635, tras un intento fallido de regresar a los Países Bajos durante los años 1631-1632. Los epígrafes se leerán en este contexto desde el método iconológico de Erwin Panofsky en combinación con la teoría de los emblemas. La pregunta orientadora es: ¿qué revelan los emblemas y epígrafes sobre un eventual acercamiento entre Heinsius y Grotius a partir de 1632? Como resultado, se demuestra que el emblema y el epígrafe de 1632 unen argumentos que hacen plausible una reanudación del contacto entre ambos, incluso con un tono de agradecimiento.

Palabras clave: Cultura visual evangélica; emblemas renascentistas; Hugo Grotius; Daniël Heinsius; *Sínodo* de Dort.

Introdução

Os objetos da nossa pesquisa são três emblemas, sempre envolvendo Daniël Heinsius (1580-1655) e Hugo Grotius (1583-1645), seja de forma direta ou indireta. O primeiro emblema, *Omnia vincit amor* (1601), envolve as duas personagens de forma direta. O emblema faz parte de uma obra editada e publicada por Heinsius, e contém uma *subscriptio* de Grotius. Os dois próximos emblemas envolvem os dois de forma indireta ou mais indireta. O segundo emblema com o nome *Hugo Grotius com 49 anos*, de 1632, é em uma gravura executado por Willem Jacobsz Delff (1580-1638), composta por um retrato de Grotius e uma *subscriptio* de Heinsius. O terceiro emblema considera a capa da edição inglesa da obra *A lei de guerra e paz* de Grotius, lançada em 1654 em Londres, e um epigrama de Heinsius, provavelmente criado em 1632, que se encontra na introdução do livro em uma biografia sobre Grotius. Usamos “emblema” no sentido de um formato de comunicação específico caracterizado pela integração de elementos textuais e visuais, a primeira vez apresentado por Andreia Alciato (1492-1550) em 1531¹. Seus emblemas eram compostos por uma *inscriptio*, um título, às vezes, um lema, uma *pictura* ou uma imagem e uma *subscriptio*, originalmente um breve texto abaixo da *pictura*. Este breve texto tinha muitas vezes o formato de um epigrama, uma breve poesia de conteúdos muito variados. Houve epigramas moralistas, satíricos, irônicos e não poucas vezes enigmáticos.

O uso de emblemas representava um convite ao leitor e observador, e a leitora e observadora, de participar do jogo da interpretação no seu significado, colocando a *inscriptio*, a *pictura* e a *subscriptio* em conversa entre si. O emblema, como conjunto inter[textual/visual], era um convite para desvendar ou decifrar o enigma que ele representava. Os dois primeiros objetos de pesquisa em questão são emblemas clássicos, contendo os três elementos. O terceiro objeto, enquanto capa, também mantém a estrutura de um emblema. Entretanto, ampliamos a concepção original interpretando a biografia que consta no início do livro como uma forma de uma *subscriptio* mais ampla, inclusive o epigrama que se encontra nela. Isso nos parece legítimo, já que a capa e a biografia de Grotius com o epigrama de Heinsius são uma composição feita pelo editor do livro.

Lemos estes emblemas, então, considerando seu caráter enigmático e propomos desvendar seus segredos nos inspirando no método iconológico

¹ A primeira edição desse livro foi lançada em Augsburg, na Alemanha. Existe uma tradução para o português da segunda edição, lançada em Paris, França, em 1534 (SAUKA, 2016).

de Erwin Panofsky. Em seu método, Panofsky distingue diversos níveis de significados de uma imagem. Nosso interesse foca nos passos interpretativos chamados por ele a análise iconográfica e a interpretação iconológica. Entretanto, enquanto Panofsky baseia a sua análise iconográfica em grande parte em fontes textuais, consideramos nessa parte, onde for possível, também fontes visuais. Fazemos isso inspirados pelos procedimentos iconológicos de Aby M. Warburg. Dessa forma, consideramos dois círculos de inter[textual/ visual]idades: o primeiro, a partir da concepção do emblema de Andreia Alciato, o segundo, inspirado no método iconológico de Erwin Panofsky com uma ampliação warburguiana.

Parte da análise iconográfica são informações biográficas e históricas sobre as duas personalidades centrais referenciadas pelos três emblemas. Dos dois, Grotius é hoje o mais lembrado, mas Sellin lembra com toda a razão que isso não era o caso na época das suas vidas e da criação dos três emblemas:

Hoje prestamos homenagem a Hugo Grotius pelo que ele mesmo pode ter considerado as razões erradas, e nunca vemos Heinsius como se aproximando a sua estatura. Colocar este último acima de seu compatriota erudito é impensável para o século XX, embora em sua época Heinsius gozasse de uma reputação internacional certamente igual à do autor de *Mare Liberum* (SELLIN, 1968, p. XIII).

Esta reputação começou cedo na vida dos dois. Entre os *protégés* de Grotius, que ingressou na universidade de Leiden com 11, eram tanto Johan van Oldenbarnevelt (1547-1619) como também Maurice de Nassau (1567–1625). Tratava-se, na época, da elite política e militar do seu país, a qual se ainda juntava o embaixador francês, Paul Choart de Buzanval (?-1607). Com 15 anos, Oldenbarnevelt o levou para uma viagem diplomática para o Rei Henrique IV da França (1553-1610) durante dela “[...] ele recebeu um doutorado Bacharel em Direito pela Universidade de Orléans. Não muito tempo depois, ele provavelmente fez amizade com Daniel Heinsius” (NELLEN, 2021, p. 21).

A vida de Heinsius e da sua família, sua vez, foi marcado pela experiência do exílio e, em consequência, da rejeição de qualquer atitude de ceder às pressões políticas e religiosas espanholas:

Nascido em Ghent, [...] Daniel descende de ambos os lados de famílias por muito tempo engajadas nos assuntos públicos de sua terra. Filho de cidadão protestante na efêmera República calvinista de Ghent, ele estava destinado a crescer no exílio, a atingir a maturidade em um mundo dilacerado por conflitos e convulsões. [...] Abrigando intensos sentimentos contra os espanhóis, eles defendiam um governo central forte capaz de uma política militar eficaz contra o inimigo comum, e estavam aptos a considerar com suspeita qualquer tendência da consideração de negociações e do pacifismo [...] [Em vez disso] lutaram pela uniformidade política e religiosa [...] (SELLIN, 1968, p. 3 e 5).

Creemos que essas experiências de vida tão diferentes marcaram as suas trajetórias por muitos anos. Apesar dessas histórias familiares tão diferentes, Heinsius e Grotius, como alunos da universidade de Leiden, desenvolveram uma amizade. Ela começou talvez pela experiência de serem ambos crianças e estudantes precoces. Depois foi construída ao redor de interesses compartilhados, em especial, estudos de filósofos e poetas gregos e romanos, traduções do latim para o holandês, e criação de poesias no neolatim e holandês, além da história dos Países Baixos.

O desafio da interpretação iconológica dos três emblemas é relacionado com as características enigmáticas de emblemas em si, e com o fato de que os dois homens, ambos calvinistas dos Países Baixos, não mantiveram posteriormente a amizade. Pelo contrário, durante o Sínodo de Dort (1618-1619) pertenciam aos dois grupos opostos. Grotius era um representante chave do grupo dos remonstrantes ou seguidores de Jacobus Arminius (1560-1609), Heinsius integrante do grupo dos gomares ou seguidor de Franciscus Gomarus (1563-1541). Em consequência disso, lê-se em geral, sobre a relação entre os dois da seguinte forma: depois de uma fase de proximidade, houve um distanciamento especificamente sobre assuntos teológicos a partir de 1609, que nunca mais foi corrigido. A proposta desse artigo é testar essa leitura a partir da leitura de dois emblemas publicados em 1632 e 1654, com foco nas *subscriptios* de Heinsius que os dois contêm. A nossa pergunta norteadora é: O que nos revelam esses dois emblemas sobre a relação entre Heinsius e Grotius a partir de 1632?

O emblema *Omnia vincit amor*²

O emblema *Omnia vincit amor* de 1601 era de “tempos melhores” na amizade entre os dois estudantes, e depois professores.

Figura 1: Daniël Heinsius, *Omnia vincit Amor*, 1601



Fonte: <https://emblems.hum.uu.nl/he1608001.html>

Ele é o primeiro emblema do livro *Quaeris quid sit Amor – Você pergunta o que é o amor?* – publicado por Daniël Heinsius, na época, com 21 anos.³ Nesta obra Hugo Grotius, então com 18 anos, participou no emblema de abertura, com uma breve *subscriptio* latina em formato de um breve epigrama: “*Vidi ego qui durum possit frenare leonem / Vidi qui solus corda domaret Amor*”, o que quer dizer: “Eu vi aquele que poderia dominar até mesmo um leão ferroz: / Eu vi aquele que sozinho poderia domar corações: o Amor”. Esta frase parece resumir que descrevemos como continuidade da *subscriptio*

² ALCIATO; MIGNAULT. Andrea Alciati v. c. emblemata, CVI, p. 362: “Omnia vincit amor, et nos cedamus amori”. É interessante observar que o verbo “vincit” pode ser interpretado comum duplo sentido: a mesma palavra ocupa a terceira pessoa do singular do presente do indicativo dos verbos “vincio, vincere” (ligar, prender, amarrar) e “vinco, vincere” (vencer, conquistar), remetendo, assim, à capacidade que o Amor possui tanto de sobrepujar todas as coisas, como de ligá-las entre si, em termos afins com a teoria do amor platônico.

³ Na edição de 1607 o título mudou para *Emblemata amatoria – Emblemas de amor*.

do emblema, também um epigrama, mas, agora em holandês. Essa parte do epigrama encontra-se no livro ao lado esquerdo da *pictura*.

Subscriptio / Epigrama	Tradução
<p>1. Omnia vincit amor. Den stercken ben ick sterck / den sachten sachte banden End' toomen werp' ick om / het smaect toch al mijn handen/ Al wat de schoone son bestraelt: Het is een kindt Een kint/ een kint alleen / dat soo veel mannen wint. Wat wonder ist dat haer de menschen overgeven In mijn ghebiet / als self de Leeuwen voor my beven? Wat strijdt ghy teghen my / alst' doch wel wesen moet/ Waerom en leert ghy niet my commen te ghemoet?</p>	<p>O amor vence / supera tudo Eu sou forte demais para os fortes. Eu jogo fora os laços macios e as rédeas dos fracos. Eu cuido de tudo sob o sol. É apenas uma criança que conquista tantos homens. Não é de admirar que tantas pessoas se rendam ao meu governo, quando até os leões tremem diante de mim? Como você luta contra mim, se no final for assim? Por que você não aprende a ceder a mim?"</p>

A *subscriptio* refere-se de formas diferentes à *pictura*. “É apenas uma criança” menciona diretamente o cupido cavalgando o leão, como representação do amor. “Até os leões tremem diante de mim” parece parafrasear a linguagem corporal do leão na imagem que sinaliza um grau de submissão. Por outro lado, sinalizam as palavras, “Como você luta contra mim, se no final for assim? / Por que você não aprende a ceder a mim?”, que essa luta ainda não acabou já que, como na *pictura*, o cupido, ainda não domina plenamente o leão. Olhando para o todo, temos neste emblema quatro, e não somente três elementos: a *inscriptio*, a *pictura*, a *subscriptio*, parte 1 e a *subscriptio*, parte 2. A sua primeira parte é de Grotius, a sua segunda de Heinsius.

Inter(textual/visual)idades e interpretação iconográfica

Depois da descrição dos elementos, avançamos para a interpretação iconográfica em uma perspectiva inter[textual/visual] e começamos com o título *Omnia vincit amor*. Trata-se de uma citação parcial do poeta Virgílio

da sua obra *Eclogas* (ou *Bucólicas*): *omnia vincit amor et nos cedamus amori*, o que significa “o amor vence todas as coisas, cedamos nós ao amor”. Trata-se, então, no caso do emblema de Grotius, de uma redução. Essa redução já era antiga.

A própria frase por si representava já uma intertextualidade. Isso ocorre, quando se substitui a palavra latina *omnia* pelo seu equivalente grego *pan*, ambas palavras significando “todos”. Essa intertextualidade entre as duas línguas servia como base para uma iconografia que relacionava a figura do cupido com a figura do Deus Pan. Como exemplo, apresentamos em seguida uma gravura de Agostino Carraci, criada dois anos antes do emblema de Heinsius (figura 2).

Figura 2: Agostino Carraci. *Omnia Vincit Amor*, 1599



Fonte: <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/341275>

Nessa gravura de Carraci, vemos ao lado esquerdo duas figuras que representam o Deus Pan e um cupido. O cupido, uma figura visivelmente menor em estatura, aparentemente está dominando o deus da floresta. Sua flauta está no chão e seu gesto é um gesto de subordinação. Ao lado esquerdo Carraci ainda acresceu duas ninfas. Esse elemento, entretanto, não se torna um elemento transversal nesse tipo de iconografia. O motivo central da respectiva iconografia, portanto, o retrato do combate entre o Deus Pan e o Cupido, era bem mais antiga do que a gravura de Carraci, e pode ser

encontrado em pinturas como do Palazzo Magnani do início do século 16, sempre acompanhado pelo título *Omnia vincit Amor*.

O original grego não diz exatamente como Amor estava subjugando o leão. Por causa de uma iconografia antiga bem conhecida, parece mais provável que o poeta grego tivesse em sua mente (ou diante de seus olhos) a imagem de Amor montado nas costas do leão. Esta iconografia ocorre em várias peças de arte, por exemplo, mosaicos e em pedras preciosas. [...] Os graecistas Daniel Heinsius e Hugo Grotius entenderam o mesmo epigrama grego dessa maneira. Heinsius usou-o para o primeiro emblema de sua famosa coleção *Emblemata amatoria* (1601) (ENENKEL, 2019, p. 59).

Esta linha iconográfica se manteve por séculos como uma linha iconográfica alternativa e distinta do nosso emblema, unicamente relacionada com ele pelo título.

Figura 3: Dionísio [ou Eros], sentado num leão. Mosaico romano, século 3. Em exibição no Museu Romano germânico em Colônia, Alemanha



Fonte: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Dionysus_mosaic_\(detail\),_Eros_riding_a_lion,_from_around_A.D._220_230,_Romisch-Germanisches_Museum,_Cologne_\(8115574576\).jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Dionysus_mosaic_(detail),_Eros_riding_a_lion,_from_around_A.D._220_230,_Romisch-Germanisches_Museum,_Cologne_(8115574576).jpg)

Por outro lado, houve uma linha iconográfica de um cúbido dominando uma besta, em geral, um leão ou uma pantera. Ela, sua vez, não contava a frase *omnia vincit amor*. No caso do mosaico acima, que é do primeiro ou segundo século do nosso tempo, pode se tratar também de Dionísio cavaleando um leão (figura 3).

Figura 4: Heinrich Aldegrever. Orgulho, 1552



Fonte: <https://nat.museum-digital.de/object/827669>

Figura 5: Alciato. POTENTISSIMUS affectus amor. In: Emblematum liber, Augsburg: 1531



Fonte: https://www.emblems.arts.gla.ac.uk/alciato/facsimile.php?id=sm18_A4v

Assim, o emblema de Heinsius tem uma rica história iconográfica. Tanto a *inscriptio* como a *pictura* eram, cada uma para si mesma, metáforas e motivos bastante populares e conhecidos antes da e na sua época. Isso, enfim, representava excelentes condições para comporem um emblema e causarem múltiplas associações.

Quando os dois jovens, Heinsius e Grotius, colaboram nesse emblema, eles eram amigos e considerados os dois alunos mais promissores da sua universidade de Leiden (NELLEN, 2021, p. 21). Nellen determina o ano 1598 com início da sua amizade para depois afirmar: “Não é exagero afirmar que Grotius e Heinsius estavam agora destinados a se tornarem rivais em uma variedade de campos acadêmicos, como poesia neolatina, redação de cartas, crítica textual, história e exegese”. Assim também Bloemendal (2009, p. 113).

Daniel Heinsius (1580–1655) e Hugo Grotius (1583–1645), dois conhecidos ex-alunos da Universidade de Leiden, travaram uma rivalidade ao longo da vida. Ambos fizeram importantes contribuições para a erudição clássica e a poesia neolatina. A segunda metade de suas carreiras intelectuais foi dedicada principalmente à explicação da Bíblia.

Assim, atuaram, parcialmente, em campos próximos, inclusive, também depois de 1618. Entretanto, consta a pesquisa sempre a permanência da racha entre os dois. Assim também Nellen (2021, p. 27): “A partir de 1613, a amizade com Daniel Heinsius esfriou rapidamente e acabou se desfazendo depois que esse amigo se aliou abertamente à facção contrarremonstrante”. Já dissemos que entendemos que esse distanciamento e posicionamento tinham razões biográficas. Isso para nós explica também a rivalidade acadêmica. Certo é que o emblema *Omnia vincit amor*, com o seu apelo integrador e acolhedor, aparentemente tinha perdido seu brilho durante as tensões religiosos e políticos intra-calvinistas dos anos 1609 a 1619. Heinsius e Grotius não eram mais capazes de construir uma ponte entre os dois partidos as quais pertenciam.

A gravura Hugo Grotius na idade de 49 anos

O desentendimento sobre assuntos religiosos levou os dois para campos políticos e religiosos opostos, Grotius como apoiador do grupo dos remonstrantes ou seguidores de Jacobus Arminius (1560-1609), politicamente aliados a Johan van Oldenbarnevelt (1547-1618); Heinsius como integrante do grupo dos gomares ou seguidor de Franciscus Gomarus (1563-1541) com suporte político de Maurice de Nassau (1567-1625). O distanciamento entre Maurice de Nassau e Grotius, acompanhou seu distanciamento de Oldenbarnevelt e a razão do desentendimento era político: a discussão sobre um tratado de paz com a Espanha. O militar, Nassau, discordava. O político, Oldenbarnevelt, era o motor por trás da iniciativa.

O conflito era tanto religioso como político e, como já mencionamos anteriormente, as preferências foram preparadas quando os dois eram ainda jovens. Segundo Sellin, Grotius pertencia ao grupo do “protestantismo político” da época, e Heinsius ao grupo do “protestantismo dogmático”⁴. O primeiro grupo defendeu uma maior autonomia das províncias, a trégua com a Espanha, uma religiosidade menos estrita e mais tolerante; o segundo grupo lutou a favor de um poder central, e a volta a guerra contra a Espanha, além de uma religiosidade mais radical e unilateral.

A fé desses membros das igrejas “sob a cruz” havia sido refinada pelo rigor de perseguição em aceitação da estrita teologia predestinatória de seu compatriota de Leiden, Franciscus Gomarus, ex-Bruges, e o conflito com os liberais e seus

⁴ Mais importante ainda, este protestantismo “dogmático” tinha o apoio do alto escalão dos militares que preferiam vencer os espanhóis no campo de batalha.

defensores, os Estados da Holanda, “que preferiam o protestantismo político ao invés do dogmático” (SELLIN, 1968, p. 7).

No sínodo de Dort (1617-1618) isso se tornou evidente. Aproveitando justamente o período da trégua negociada e aprovada, as tensões intracalvinistas criaram sua própria dinâmica. Ironicamente era Heinsius, quem ia ocupar um cargo político nesse sínodo, quando se tornou o secretário dos Estados Gerais. Sua tarefa era de documentar em ata os desfechos do concílio. Sua afiliação partidária foi registrada de imediato: “Os comissários nomearam o célebre Daniel Heinsius como secretário. Os Remonstrantes se opuseram a ele; eles admitiram sua extensa familiaridade com a literatura educada e seu gosto elegante, mas afirmaram que não possuía conhecimento teológico e tinha preconceito contra eles” (BUTLER, 1826, p, 102). Bem, não era tanto a falta de conhecimento teológico que preocupava o grupo dos Remonstrantes, mas, suas escolhas e definições teológicas, conhecidas entre eles já a quase duas décadas:

De qualquer forma, é indiscutível que alguns de seus primeiros amigos entre os arminianos sabiam de sua aversão por sua doutrina antes da separação formal com seus oponentes em 1610-11. [...] Uma vez que seu casamento em 1617 trouxe Daniel para dentro do círculo do inveterado oponente dos arminianos e Oldenbarnevelt [...] o quadro de sua ortodoxia está completo. Sua aceitação do cargo de secretário dos comissários leigos em Dort em um momento em que estava claro que a assembleia de clérigos estava se reunindo para condenar as posições arminianas, não para julgar imparcialmente entre teologias rivais, foi um passo bastante de acordo com as tendências que ele havia expressado por quase vinte anos (SELLIN, 1968, p. 22+30).

Assim, no sínodo, os adversários dos Remonstrantes mantiveram desde o início a maioria e também a tinham em 1618. Ao seu final, houve para as personagens principais três condenações diferentes. Oldenbarnevelt foi executado, Grotius condenado a prisão perpétua, e Cornelius van der Myle, o genro de Oldenbarnevelt, exilado. Três anos depois da condenação, porém, a esposa de Grotius, Maria van Reigersbergen (1608-1645), organizou a sua fuga da prisão.

Hugo Grotius foi preso, mas logo fez uma fuga famosa para a França católica romana, para onde outros líderes arminianos também fugiram. As delegações estrangeiras pediram brandura e paz aos holandeses quando partiram e, de

fato, a Irmandade Remonstrante foi abertamente tolerada dentro de alguns anos, embora não mais dentro do âmbito da igreja nacional oficial (GATISS, 2019, p. 160).

Enquanto a família de Grotius vivia no exílio francesa, a situação dos Remonstrantes nos Países Baixos tornou-se aos poucos mais favorável. Isso começou já quatro anos depois dessa fuga, mas em especial a partir da morte de Maurício de Nassau em 1625. Em consequência disso, muitos Remonstrantes conseguiram voltar para seu país. Apesar de que as portas da Igreja Reformada se mantiveram fechadas para eles, receberam no seu país o direito de se organizar como grupo eclesiástico próprio ou independente. Também receberam suas propriedades de volta, anteriormente confiscadas. Grotius se manteve informado sobre esse reestabelecimento de direitos e liberdades e em 1631 e tentou voltar. Mas, apesar de que já tinham passados 11 anos depois da sua fuga, Grotius era ainda considerado o mais famoso vivo do grupo dos Remonstrantes, e seus antigos adversários condicionaram seu retorno, exigindo uma declaração de anulação dos seus posicionamentos políticos e religiosos:

Em 7 de abril de 1632, solicitou-se de Grotius uma escolha clara: deixar o país ou pedir permissão para ficar. Pedir permissão equivaleria a uma admissão de culpa, e isso estava simplesmente fora de questão para ele. Três vezes condenado – em 1619, 1622 e agora em 1632 – Grotius decidiu deixar sua pátria em 17 de abril de 1632 indo para a cidade de Hamburgo, lar de muitos exilados holandeses (NELLEN, (2021, p. 27).

Grotius, como figura emblemática maior viva do conflito anterior, não recebeu a permissão para simplesmente retornar e continuar a sua vida. O próprio Grotius certamente não tinha a intensão de voltar para seu país de forma despercebida. Pronunciou-se durante 1632 diversas vezes publicamente sobre assuntos que motivaram sua condenação, e isso sempre bem visível para seus oponentes. Portanto, os seguidores de Nassau que estavam ainda no poder, encontraram uma fórmula inaceitável para Grotius, que ele deveria se distanciar publicamente das suas convicções religiosas fundamentais, com todo peso de um ato jurídico. Então, Grotius e sua família escolheram o exílio.

Exatamente nessa época, em 1632, foi lançada o segundo emblema da nossa pesquisa. Ele é conhecido sob o nome *Hugo Grotius, na idade de quarenta e novo anos*.

Figura 2: Michiel van Mierevelt.
Hugo Grotius, 1632.



Fonte: <https://www.rijksmuseum.nl/nl/collectie/SK-A-581>

Figura 3: Willem Jacobsz Delff,
Hugo Grotius na idade de 49, 1632.



Fonte: <https://www.rijksmuseum.nl/en/collection/RP-P-OB-50.076>

É no mínimo esse o título do emblema, constando na gravura aos lados esquerdo e direito do crânio como *Æt 49 / A° 1632* (figuras 3). A gravura foi criada por Willem Jacobsz Delff (1580-1638). Ela e suas diversas cópias contêm duas constantes: a *pictura* e a *subscriptio*. Delff era desde 1618 casado com Geertrui Michielsdt van Mierevelt (1594-1639). Como base da *pictura* do emblema usou uma pintura do seu sogro, Michiel van Mierevelt (1567-1641), feita em 1631 (figura 2). Seu sogro era o retratista mais famoso da sua época⁵ e em termos religiosos e políticos uma figura incomum. Por um lado, era entre 1604-1637 o pintor da corte de Maurício de Nassau, por outro lado, tinha relações com anabatistas pelo lado da família da sua esposa. Mierevelt retratou também Johann van Oldenbarneveldt, inclusive com diversas cópias. As datas de execução dessas obras são infelizmente desconhecidas. Já a sua

⁵ Isso se refere em especial a sua qualidade técnica, menos à originalidade composicional. “Seus retratos são monótonos e repetitivos, mas são meticulosamente elaborados e de grande valor como registros históricos” (CHILVERS, 2003, p. 670).

pintura de Hugo Grotius⁶ contém a inscrição *Ætatis 48 / A° 1631* ou *Na idade de 48, ano 1631*. Quando Mierevelt fez esse retrato, contratado por Grotius, Grotius estava então tentando retornar para o país. Não é improvável que Delff até o conhecia das sessões para a pintura. Mierevelt, apesar de ser ainda vinculado com a casa de Nassau, aparentemente não rejeitou essa tarefa. O original dessa pintura, eventualmente, se perdeu. Sobre isso lemos na página do *Museus Imperial dos Países Baixos*:

Esta é uma das muitas réplicas de estúdio de um retrato perdido, executado por Van Mierevelt em 1631. O próprio Grotius refere-se à sessão de 1631 em sua correspondência. O retrato de 1631 também é conhecido por meio de uma gravura de 1632 de Willem Jacobsz Delff. Grotius aparentemente sentou-se para Van Mierevelt uma segunda vez, pois há uma série de réplicas na altura do busto e uma réplica na altura do joelho datada de 1632 que o mostram de forma diferente, com um cavanhaque estreito em vez de uma barba cheia no queixo e um manto fechado em vez de aberto revelando seu gibão. Várias réplicas dos retratos de Grotius permaneceram com membros de sua família extensa, para os quais foram indubitavelmente executadas. Sabe-se de outros dois que o próprio Grotius encomendou em 1637 para conhecidos em Paris.

A iniciativa para a criação da pintura partiu então do próprio Grotius, e as duas primeiras obras foram executadas justamente durante a sua tentativa de retornar para os Países Baixos. Além disso, já de volta no seu exílio na França, Grotius encomendou outras duas cópias, ou seja, ele investiu na proliferação visual da sua pessoa no exterior, baseado na obra de um artista famoso. A relação entre Mierevelt e Grotius era, então, de natureza profissional. Não sabemos nada de uma eventual simpatia de Mierevelt ou de Delff por Grotius ou a sua posição religiosa.

No ano seguinte, em 1632, Willem Jacobsz Delff fez uma gravura dessa pintura. Como a pintura original, a gravura conta com uma datação, agora atualizada para *Æt 49 / A° 1632*. A gravura é composta por uma *pictura*, a imagem de Grotius, uma *inscriptio* e uma *subscriptio*, ou seja, novamente temos os três elementos básicos de um emblema. A *inscriptio* é: [lado direito, descendo] *HORA} H. GROTIUS SYND: ROTEROD: EIUSDEMO URB: IN* [lado esquerdo, ascendendo] *INCONV: ORD: HOLL: ET WESTFR: QUONDAM DELEGAT {RUIT* (cf. Figura 2). Trata-se de informações sobre

⁶ O RKD ou *Instituto de História de Art dos Países Baixos* registrou mais uma versão das mesmas mãos (BD/RKD n. IB00929977 e BD/RKDn. 0000080307) e diversas cópias.

a trajetória política de Grotius antes da sua condenação. Ao lado direito se lembra que Grotius era *syndicus*, ou seja, que ele tinha uma pensão da cidade de Roterdã (desde 1613 e até 1618). Ao lado esquerdo menciona-se que ele era para um certo tempo (*quondam*) emissário dos estados dos Países Baixos e da Frísia Ocidental, ou seja, ocupava um cargo diplomático. Trata-se então da menção de posições e direitos alcançados na vida pública. Na *subscriptio*, assinada por Heinsius, lemos:

<i>Subscriptio / Epigrama</i>	Tradução
<i>Depositum coeli, quod jure Batavia mater</i>	Um presente do céu, que por direito a mãe Batavia
<i>Horret, et haud credit se peperisse sibi;</i>	Estremeceu e [ela] mal podia crer que o houvesse gerado
<i>Talem oculis, talem ore tulit se maximus Hugo.</i>	Tais os olhos, tal a boca, com que o grande Hugo se portava
<i>Instar crede hominis, caetera crede Dei</i>	A imagem, creia, [é] de um homem. Todo o mais, creia, de Deus.⁷

A relação entre *inscriptio*, *pictura* e a *subscriptio* contém todas as características de um emblema

Figura 4: Willem Jacobsz Delff, *Hugo Grotius na idade de 49*, 1632.



Fonte: <https://www.rijksmuseum.nl/en/collection/RP-P-OB-50.076>

Ruit hora, o tempo passa ou o tempo fugaz, é localizado acima das informações sobre os cargos políticos de Grotius antes da sua condenação

⁷ A tradução é do Prof. Dr. Pedro Germano Leal, estudioso de emblemas e *Assistant Director for Digital Engagement and Discovery* da John Carter Brown Library na Brown University, Providence, RI.

(figura 4), quase com uma pedra angular que segura as forças de dois arcos abobadados ou de uma abóbada inteira. A questão é a relação entre essa expressão, os diversos textos da gravura e o contexto da sua criação. Quais são as possibilidades mais plausíveis? Provavelmente refere-se aos papéis políticos de Grotius mencionados na gravura, tanto na sua descrição como pensionista da cidade de Roterdã, quanto “[...] como oficial legal, político e diplomático na República Holandesa” (cf. RABBIE, 201, p. 45-64). De fato, o ditado e as informações de privilégios e cargos formam um oval, porém um oval dominado pelo ditado, separado por dois colchetes do texto restante. Delff quer dizer então, que a antiga fama de Grotius é nada mais do que uma glória passada que não voltará? Ou Delff refere-se ao momento específico de 1632, quando Grotius procura se reestabelecer nos Países Baixos, e quer sinalizar que o tempo no exílio deve ser considerado coisa do passado, e deve se aproveitar novamente esse homem que serviu tão bem seu país em tempos anteriores, evidenciado pela menção dos privilégios alcançados?

Consultando a *subscriptio*, ou o texto de Heinsius, encontramos novamente diversas possibilidades de interpretação. Primeiro, concordamos com Pedro Germano Leal quem comenta: “Como é típico de outros epigramas neolatinas da época, há uma série de sujeitos ocultos – numa construção bem ‘emblemática’ – e propositalmente sofisticada”.⁸ Começamos com a terça sentença, “A imagem, creia, [é] de um homem. Todo o mais, creia, de Deus”. O latim “*Instar*” pode ser traduzido por “imagem”, “semelhança” e “semblante”. Assim, pode se referir, tanto à *pictura* em si, como à pessoa retratada, no caso, Hugo Grotius. A segunda parte dessa sentença encontra uma correspondência na primeira parte da sentença inicial, ou seja, “Todo o mais, creia, de Deus” parece dialogar com “Um presente do céu”. Mas, que são “Todo o mais”? Esse sujeito oculto pode se referir aos amigos de Grotius, no sentido que não somente enxergam uma imagem ou um retrato de uma pessoa, mas, essa pessoa em suas qualidades excepcionais, ou divinas. Fica em aberta também, se estes sujeitos não mais especificamente descritos têm a admiração de Heinsius ou se Heinsius compartilha a sua suposta admiração, para esse “presente dos céus” que o Grotius. Afinal, ele fez os Países Baixos (Batavia) “estremecer” e não somente no passado, mas, aparentemente, também em 1632. Pode se estremecer-tanto por medo, quanto por emoção ou comoção, mas, também por surpresa. E o que seria o caso em 1632? Talvez

⁸ Em um e-mail do dia 26 de junho de 2023.

todos os três juntos? Depende de ponto de vista dos partidos envolvidos e da forma como eles enxergavam “a boca, com que o grande Hugo se portava” antes de 1618 e em 1632. Sabe-se que silêncio e privacidade não eram do comportamento de Grotius, que era uma figura pública desde a juventude, e que sabia disso procurando preencher esse espaço em voz alta no ano de 1632. Heinsius, sem dúvida nenhuma, lê o momento e a situação de Grotius em 1632 assim, mas, ele faz isso com ironia – “Presente de Deus”, “Imagem de Deus” – ou com sincera e singela admiração?

Como a gravura foi feita no mesmo ano que Grotius deixou definitivamente seu país, surge a pergunta se ela seja mais um pronunciamento ou posicionamento em um processo em andamento ou um resumo de um desfecho já ocorrido. Em ambos os casos, a *subscriptio* de Heinsius permanece cheia de voltas e possibilidades nas quais nenhuma aprovação ou reprovação de Grotius por Heinsius se tornam explícitas. Com a *subscriptio*, Delff transforma uma pintura, que certamente atendeu o desejo de Grotius de visualizar a sua respeitabilidade como pessoa pública, utilizando-se de um pintor famoso com laços estreitos com o governo, em um debate sobre a imagem de Grotius no âmbito público. *Ruit hora* pode articular duas avaliações distintas do momento em que Grotius se encontrava em 1632, ou a expressão quer enfatizar que a glória de Grotius era nada mais do que transitória e que o seu passado glorioso não ia voltar, ou quer dizer deixa a volta dos velhos tempos atrás voltariam, com o esquecimento da condenação e a lembrança das qualidades de Grotius. Não sabemos como se fez o contato entre Delff e Heinsius. O caráter fugaz do tempo, aliás, se via certamente também na vida de Heinsius, que já tinha passado do auge da sua fama, que coincide aproximadamente com o fim do sínodo de Dort (BLOEMENDAL, 2008, p. 400). Certamente Delff transforma, pelos elementos textuais, uma pintura representativa em uma gravura política. Mas trata-se da tentativa de apoio para a reintegração durante um debate tumultuoso ou de um comentário irônico quanto a essa tentativa? Delff utiliza-se da fama de Heinsius e Heinsius, volta ao debate público sobre seu antigo amigo e adversário por meio de Delff.

Faz parte do quadro maior que reconhecemos, no mínimo um caso, em que uma antiga condenação no Sínodo de Dort não impediu o apoio posterior de Heinsius para um dos condenados famosos: “Quando o ex-curador da Universidade de Leiden, Cornelius van der Myle, que teve a infelicidade de ser genro de Oldenbarnevelt, [...] sofreu banimento e sequestro, Heinsius, [...] se opôs aos poderosos inimigos de Van der Myle” (SELLIN, 1648, p. 64). A

situação de Van der Myle de fato melhorou depois de alguns contratempos, e justamente em 7 de abril de 1632 ele, junto com seu cunhado Brederode, foi novamente autorizado a ocupar seus lugares no *ridderschap*

ou o conselho em que os nobres da sua região estavam unidos.⁹ Esse fato certamente animou Grotius. É então imaginável que Heinsius, que já dois anos depois do Sínodo de Dort aparentemente defendeu Van der Myle, ia estender a sua mão em 1632 em um gesto de benevolência a Grotius. Por outro lado, a gravura não menciona a fama que Grotius acumulou entre 1621 e 1632 quando ele tinha crescido em fama no teatro europeu. A gravura não projeta um retorno triunfal de alguém que fez a sua fama aumentar no exterior. O emblema em si, portanto, faz o que um emblema se propõe a fazer: ele convida cada leitor e observador, ou leitora e observadora, pelo jogo proposicional da sua inter[textual/visual]idade de desenvolver sua própria leitura tirando suas próprias conclusões.

Eventualmente, contribuiu, apesar de ao mesmo tempo por causa dessa indefinição, para a construção de uma narrativa de reaproximação. A evidência para isso, encontramos vinte dois anos depois. Na época, Grotius já tinha morrido a nove anos e Heinsius ia morrer no ano seguido. Seus últimos anos não tinham sido fáceis:

Em 1648, Heinsius estava se aproximando dos setenta. Na velhice, ele havia se tornado cada vez mais solitário, talvez até amargurado. Sua esposa havia morrido quinze anos antes. Sua única irmã, que se juntara à sua família para cuidar de seus filhos então adolescentes, estava agora morta há dois anos [...] Sua [...] saúde [...] havia começado a piorar no mesmo ano da morte de sua esposa [...] o velho Heinsius parece nunca ter obtido o conforto pelo qual ansiava (SELLIN, 1968, p. 66).

Surge então a pergunta se isso fez ele também repensar ainda mais a pessoa de Grotius e a herança que ele deixou. E justamente essa impressão nos deu, um epigrama de Heinsius publicado em 1654 **no** *Memorial da vida e morte do autor* da edição inglesa *Da lei de guerra e paz* de Grotius.¹⁰ Lemos este

⁹ Oito anos depois, em 17 de abril de 1640, o ciclo de reabilitação se completou para Van der Myle quando foi até reintegrado como regente da Universidade de Leiden.

¹⁰ A tradução para o inglês foi feita pelo sacerdote anglicano Clement Barksdale “[...] a fim de fornecer uma nova ideologia para a Igreja Anglicana pós-Laudiana (BARDUCCI, 2012, p. 70). Segunda Barducci, a publicação faz parte da segunda de três fases de recepção de Grotius na Inglaterra: 1630ss pelo *Great Ten circle* grupo de sacerdotes e literatos de Oxford, entre eles, Jeremy Taylor; na década 50 pelas traduções de Clement Barksdale; a partir de

epigrama como extensão da capa da edição original (figura 6). Essa capa contém todos os elementos de um emblema.

Figura 5: Willem Jacobsz Delff, *Hugo Grotius* na idade de 49, 1632.



Fonte: <https://www.rijksmuseum.nl/en/collection/RP-P-OB-50.076>

Figura 6: *Hugo Grotius. The law of warre and peace*, 1654. capa do livro



Fonte: J. Williard Marriott Digital Library. The University of Utah. <https://collections.lib.utah.edu/ark:/87278/s6hh82x9>

A *pictura*, um retrato de Grotius, segue provavelmente a gravura de Delff, já que compartilha com ela além do retrato também o ditado *Nuit Hora*. Além disso, acresça, ao lado superior direito da *pictura* um estante com três livros com os títulos “Deus e Cristo”, “Guerra e paz” e “Estado e Igreja”¹¹. Finalmente, encontra-se abaixo da *pictura* uma *subscriptio* em duas breves sentenças:

1686 na fase da reconstituição da Igreja Anglicana. Grotius foi lido por esse grupo de anglicanos em busca de apoio para a reforma da igreja, como contrapeso as tendências puritanas e em especial a doutrina calvinista da predestinação depois do sínodo de Dort, na tradição do arcebispo William Laud (1573-1645), morto na revolução de Cromwell.

¹¹ “God & Christ; Warr & Peace; State & Church”. O primeiro refere-se ao livro *Da satisfação em Cristo* (1617), o segundo ao livro *Leis da Guerra e paz* de 1625) e o terceiro ao livro *Da verdade da religião cristã* (GROTIUS, 1611)

Subscriptio 1 / Epigrama 1	Tradução
See you not learning in his looks? See it more finely in his books!	Você não enxerga aprendizado no seu olhar? Enxergará em detalhe em seus livros.

A este conjunto clássico acrescentamos ainda a biografia de Grotius, e junto a ela um epígrafo de Heinsius (**GROTIUS, 1654, p. 378**) que o autor subscreve com as palavras: “Daniel Heinsius on Grotius”.

Subscriptio 2 / Epigrama 2	Tradução
Nature, the stepdame to us all, Grotius may his mother call. That old young man Holland admires, Italy and all France desires. He grew up slowly: would you see One born full Man? Grotius is he.	Natureza, a madrasta de todos nós, Grotius pode chamar sua mãe. Aquele velho-jovem homem que admirava a Holanda, e que era desejado pela Itália e por toda a França. Ele cresceu lentamente: você quer ver Um homem nobre / talentoso? Grotius é esse homem”

Inicialmente, chegamos, primeiro, nessa última citação, chamada por nós, epigrama 2, por uma obra de Marco Barducci (2017, p. 1). Nela, a citação serve como abertura da introdução seguida pela referência: “Daniel Heinsius sobre Grotius (Memoriais da Vida e Morte do Autor, em Hugo Grotius, *A Lei de Guerra e Paz com Anotações*, tr. Clement Barksdale, 1654)”¹².¹³ Transparece aqui, então a ideia do epigrama como expressão de reconhecimento. Isso, certamente, é a intenção de Clement Barksdale, editor do livro, e provável autor da biografia e nesse sentido ele introduz o epígrafo: “E Daniel Heinsius, um grande sagaz também (eu acho que é bom quando tais homens têm um respeito justo um pelo outro, e não transformam a emulação ingênua em depreciação invejosa:) o honrou com o seguinte elogio:”¹⁴ (GROTIUS, 1654,

¹² Daniel Heinsius on Grotius (*Memorials of the Author's Life and Death*, in Hugo Grotius, *The Law of Warre and Peace with Annotations*, tr. Clement Barksdale, 1654) As páginas do original não são numeradas. Seguimos a numeração das páginas da edição online da universidade Utah (cf. Cf. a respective página em: <https://collections.lib.utah.edu/details?id=292453>).

¹³ BARDUCCI, Marcos. Extract Introduction. In: **Oxford University Press**, maio 2017. <https://academic.oup.com/book/7357/chapter-abstract/152131583?redirectedFrom=fulltext>

¹⁴ And Daniel Heinsius a great wit too (me thinks tis happy when such men bear fair respect to one another, and do not turn ingenuous Emulation into envious Detraction:) has honoured him with this elogy:”

p. 378). Entretanto, Heinsius não tinha escrito estas linhas em 1654, um ano antes da sua morte e também não enviado para o editor do livro.

Não sabemos exatamente, como esse epigrama chegou nessa introdução, mas, há uma indicação. Ao lado da citação lemos: “*Heinsius ad Grotium cum ab eo Adamo exule Tragaedia donaretur*”. Trata-se de uma adaptação de um título de um epígrafo encontrado em uma edição de poemas de Grotius (figuras 7 e 8), lançado nos Países Baixos (1637; p. 532; 1639, p. 457) e em Londres (1639, p. 486), editado pelo seu filho Guilherme.

Esta coletânea contém também poemas e epígrafos de Heinsius. Um deles é acompanhado por um comentário introdutório: “*e jusdem ad eundem, cum ab eo donatus esset adamo exulo tragaedia*”, ou seja, “do mesmo (Heinsius, o autor) ao outro (**Grotius, o autor**), quando **Adão (Grotius, o autor) foi presenteado com a tragédia do exílio**” (GROTIUS, Leiden, 1637; p. 532; 1639, p. 457; Londres, 1639, p. 486).

Figura 7: GROTIUS, Hugo. *Poemata*,
Leiden, 1637 [capa]



Fonte: www.google.com.br

Figura 8: GROTIUS, Hugo. *Poemata*,
Londres, 1639 [capa];



Fonte: www.google.com.br

O texto longo de Heinsius termina com a versão latina do epígrafo encontrada na biografia inglesa:

*Natura nutrix,obstetrixque quæ prius
Noverca cundis Grotio inater fuit.
Senex ephebus ille,quem Batavia
Miratur omnis,optat Hetrufcus fibi,
Omnisque Gallus,ille dum puer fuit
Vir esse cepit: namque relinqui, viri
Tandem fuere: Grotius vir natus est.*

(GROTIUS, Leiden, 1637; p. 534; 1639, p. 456; Londres, 1639, p. 488).

O primeiro aspecto intertextual que queremos abordar é a relação entre a apresentação de 1637 e o epigrama. Afirma-se a iniciativa de Heinsius de envio e seu momento: “quando Adão (Grotius, o autor) foi presenteado com a tragédia do exílio”. Além do tom irônico, encontra-se uma analogia bíblica: como Adão foi expulso do paraíso, assim Grotius foi para o exílio. O paraíso são os Países Baixos. A situação mais provável é o momento de 1632. Dificilmente Heinsius teria enviado um epigrama com esse conteúdo em 1619, depois do julgamento ou em 1621, depois da fuga de Grotius. O tempo mais provável é 1632. Podemos então imaginar como o epigrama chegou primeiro nas mãos de Grotius e depois nas mãos de Clement Barksdale.

Quanto a interpretação do próprio epigrama Marco Baducci segue a ideia de que seja um conteúdo fraternal, colegial e amigável. De fato, o final do poema se destaca por aquilo que ele diz e que ele não diz. Ele não diz que os Países Baixos voltaram a amar Grotius, mas, destaca o reconhecimento da sua pessoa pela França, e pela Itália [o que em termos teológicos poderia representar uma crítica indireta da posição arminiana como católica; se for, seria, porém, em uma forma mais sutil]. Afinal, o epígrafo sinaliza respeito para com o autor e convida o leitor ou a leitora a fazer o mesmo. Chama a atenção também de que o conteúdo do epígrafo indica uma destinação a um público maior. Outro elemento importante são as referências à natureza. Sem dúvida nenhuma dialoga-se aqui também de uma forma que não pode ser subestimada com elementos centrais do conflito tanto teológico como político em que Grotius se via envolvido e que estava em discussão em 1632. Em termos políticos, mais ainda, em termos jurídicos, pode-se até referir a “[...] concepção [grotiana, o autor] da lei natural na qual a natureza humana substitui Deus como o explícito – embora certamente não como o último – fonte de autoridade” (LESAFFER e NIJMAN, 2001, p. 4). Essa concepção de uma forma da lei natural protestante é considerada uma das maiores contribuições de Grotius e se tornou base de uma nova ordem de

paz, baseada em contratos internacionais racionais. Pela primeira vez foi aplicada pela diplomacia europeia nas negociações da Paz de Westfália, que foi assinada em 1648¹⁵ terminando tanto a Guerra dos Trinta Anos como em seguida a Guerra dos Oitenta anos entre a Espanha e os Países Baixos. Grotius desenvolveu essa compreensão em sua obra magna *Leis sobre a guerra e a paz* de 1625¹⁶, escrita no exílio na França. Caso que essa referência seja correta, Heinsius teria modificado suas posições políticas.

Resumindo o conteúdo do epigrama: mesmo que o texto não sinaliza um recuo incondicional de Heinsius quanto a antiga diferença teológica e política entre os dois, representaria uma forma bem direta de honrar Grotius. A publicação pelo filho de Grotius, tanto nos Países Baixos em Leiden, na cidade da universidade onde Heinsius e Grotius eram alunos e amigos, como na Inglaterra em Londres, é uma decisão estratégica, respondida pela inclusão do epigrama na edição de 1654. Também fica claro que, no mínimo em 1637, Grotius queria ser visto como aprovado por Heinsius, fazendo pública à ideia, senão de uma reaproximação, iniciada por parte de Heinsius, no mínimo de um gesto amigável. Já quanto a Heinsius fica, então, duas perguntas: os dois epigramas do mesmo ano 1632 articulam as mesmas ou opostas intensões? E já que a tendência do epigrama de 1632 que aparece em 1637 é afinal positiva, não devemos esperar o mesmo em relação ao outro epigrama do mesmo ano usado por Delff? Nossa tendência é a de favorecer essa interpretação, o que representa uma releitura da relação entre estes dois homens nesta fase da sua vida.

Discutimos ainda em seguida a inter[textual/visual]idade entre esse epigrama e a capa, tudo isso criado por Clement Barksdale. Começamos

¹⁵ As negociações iniciaram em 1645. Segundo Nellen, a relação entre essa nova fase de diplomacia e a contribuição de Grotius na área como sua função na diplomacia sueca gerou uma expectativa da sua participação. “Uma vez iniciadas as negociações de paz em Münster e Osnabrück, ficou claro para todo o mundo que, ao contrário de certos rumores, Grotius não havia sido convidado para participar das negociações. A única tarefa que lhe restava era visitar a Suécia e discutir os próximos passos de sua carreira.” (NELLEN, 2021, p. 40).

¹⁶ Importante se lembrar que um aspecto do conflito entre Johan van Oldenbarnevelt e Maurice de Nassau era a sua discórdia em relação a *Trégua de Doze Anos* com a Espanha que prevaleceu entre 1609-1621. O primeiro, como político, a negociou e defendeu, o segundo, sendo seu comandante-em-chefe, era oposto a ideia. Grotius, sob provável consideração do espanhol Francisco de Vitoria (1483-1546) da Escola de Salamanca formulou as bases para uma lei internacional moderna, expressas no seu livro sobre *As Lei de Guerra e paz*, escrito em 1625 na França.

com sua *inscriptio*, *Ruit Hora*. Ela dialoga com uma imagem de Grotius e aspectos visuais e textuais que agora não somente falam de cargos ocupados antes de 1618, mas, de obras escritas em 1611, 1617 e 1625. O tempo fugaz parece falar da morte de Grotius, em contraposição das suas obras que ficaram dele. Definitivamente não se quer dizer que o zênite da importância dessas três obras teria sido já passado. Pelo contrário, o epigrama faz parte da introdução de uma tradução dessa obra para o inglês. Na mesma direção aponta a primeira *subscriptio*: "Você não enxerga aprendizado no seu olhar? Você anotará em detalhe em seus livros". Novamente, temos uma condução para focar nas obras e Grotius. Baseado em uma leitura inter[*textual/visual*] de *inscriptios*, *picturas*, *subscriptios* e epigramas, cremos que haja indícios de contatos entre Heinsius e Grotius mais fraternais ao redor de 1632. Afinal, pensamos que os dois epigramas de Heinsius de 1632, um talvez mais apontando ambiguidades e o outro mais amigável, relacionados com dois emblemas, não articulam ideias diametralmente opostos. Seguindo essa ideia, a gravura de Delff surge mais em defesa de Grotius, com apoio de Heinsius, mas, suficientemente escondido em um enigma, que não causaria problemas para ninguém. Já no outro caso, torna-se o epigrama um elemento importante direcionado à situação religiosa e política na Inglaterra. O autor da obra *Leis sobre a paz e a Guerra*, apresentado como homenageado pelo seu antigo rival, o aviso de julgar Grotius em base dos seus textos, tudo isso pretende apresentar Grotius numa luz mais favorável, inclusive, para anglicanos com preferências puritanas.

Nos dois casos, Heinsius está do nos dois casos, são terceiros que envolvem Heinsius em um debate público, mas, compor um emblema, no terceiro caso talvez sem seu conhecimento. *Omnia vincit amor.*

Considerações finais

Primeiro evidencia esse breve estudo como emblemas eram um meio importante no século 17 para articular assuntos religiosos e públicos. Eles querem inspirar, engajar e envolver o leitor e observador ou a leitora e observadora, ao mesmo tempo que eles também sabem proteger os autores de tais pronunciamentos. Isso ocorre, principalmente, pela exploração máxima da sua inter[*textual/visual*]idade interna entre *inscriptio*, *pictura* e *subscriptio*, e externa referenciando a longa história imagética e textual desde a Antiguidade. Assim, avançaram emblemas rapidamente de um passatempo intelectual humanista, para um meio ideal de articulação e de pronunciamentos em

tempos religiosos e políticos conflitantes e potencialmente instáveis, além de perigosos para seus autores.

O que chamou a nossa atenção são principalmente dois pontos: as duas pessoas, Grotius e Heinsius, vivem, posicionam-se e dedicam boa parte dos seus esforços intelectuais e profissionais aos ambientes às quais pertenciam. No caso de Grotius, trata-se da sua profunda ligação com Johan van Oldenbarnevelt, no caso de Heinsius, da sua profunda relação com a casa de Nassau. Neste sentido, os dois demonstram integridade e dedicação, e talvez se viam mutuamente também assim, apesar de acabarem em lados opostos. Ao longo do tempo depois de Dort, a partir de 1625, 1632, etc., seus ambientes de origem se reaproximaram pontualmente. A pertença a um ambiente, não exigia mais a negação do outro ambiente, ou não por completo. Isso, em tese, ofereceu uma oportunidade para um tipo de reaproximação. Os sinais de que isso não era impossível a acontecer, era a ajuda que Heinsius ofereceu para Van Myle e a forma positiva como textos de Heinsius foram integrados numa obra com textos de Grotius por Grotius.

Já que no terceiro epígrafo de Heinsius em relação a Grotius o tom positivo predomina, olhamos com mais atenção para o segundo emblema, já que os dois apareceram pela primeira vez no mesmo ano 1632. Parece-nos difícil de acreditar que eles na sua mensagem ou intenção maior ou principal se contradigam. O emblema, por si mesmo, entretanto, não dá uma resposta conclusiva. É um emblema! Sua inter[textual/visual]iade foi criada para fazer pensar, não para determinar o que se deve pensar ou para alinhar pensamentos.

Referências

BARDUCCI, Marco. **Hugo Grotius and the century of revolution, 1613–1718**: transnational reception in English political thought. Oxford: Oxford University Press, 2017.

Barducci, Marco. “Political and ecclesiological contexts for the early English translations of Grotius’s *De Veritate* (1632-1686)”. In: **Grotiana**, v. 33, n. 1, p. 70-87, 2012. DOI: 10.1163/18760759-03300001

BECKER-CANTARINO, Baerbel. **Daniel Heinsius**. Boston: Twayne, 1978.

BERESTEYN, E. A. van. **Iconographie van Hugo Grotius**. Dordrecht: Springer Netherlands, 1929. 134p.

BLOEMENDAL, Jan. “Der Philologe und Dichter Daniel Heinsius und sein episches Lehrgedicht ‘De contemptu mortis’”. In E. Lefèvre, & E. Schäfer (eds.). **Daniel Heinsius: klassischer Philologe und Poet**. Tübingen: Gunter Narr Verlag, 2008. p. 399-414.

BLOEMENDAL, Jan; NELLEN, Henk. “Early enlightenment or high philology? Biblical textual criticism and exegesis by two famous alumni of Leiden University, Daniel Heinsius and Hugo Grotius”. In: MITTERAUER, Gertraud et al. **Was ist Textkritik? Zur Geschichte und Relevanz eines Zentralbegriffs der Editionswissenschaft**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 2009. p. 113-128.

Butler, Charles. **The Life of Hugo Grotius: With Brief Minutes of the Civil, Ecclesiastical, and Literary History of the Netherlands**. London: John Murray, 1826. Disponível em: < <https://archive.org/details/lifehugogrotius00butlgoog> >. Acesso em: 12 jan. 2023.

CHILVERS, Ian. “*Miereveld (or Mierevelt), Michiel van*” [verbete]. In: Ibidem. **The Concise Oxford Dictionary of Art and Artists**. 2ª ed. Oxford: Oxford University Press: 2003. p. 305.

ENENKEL, Karl A. E. **The invention of the emblem book and the transmission of knowledge**, ca. 1510–1610. Leiden & Boston: Brill, 2019.

FICINO, Marsilio. **Opera omnia**. Basileae: Per Henricum Petri, 1561.

GATISS, Lee. “Abundant sufficiency and intentional efficacy: particular redemption at the Synod of Dort”. In: **Unio cum Christo** - International Journal of Reformed Theology and Life, v. 4, n. 2, p. 145-163, out. 2018.

GROTIUS, Hugo. **De iure belli ac pacis libri tres: in quibus ius naturae & gentium, item iuris publici praecipua explicantur**. Apud Nicolaum Buon, Parisiis e 1625.

GROTIUS, Hugo. **De veritate religionis Christianae**. Maire, Lugduni Batavorum e 1611;

GROTIUS, Hugo. **Defensio fidei catholicae de satisfactione Christi adversus Faustum Socinum Senensem**. Excudit Ioannes Patius, Leiden e 1617. **Excudit Joannes Patinas**, Lugduni Batavorum e anno 1617.

GROTIUS, Hugo. **Poemata: per G. Grotium denuo edita, aucta et emendata**. per Ric. Hodgkinsonus & venduntur parva Britannia [door G. Emerson], Londini e 1639.

GROTIUS, Hugo. **Poemata: per G. Grotium denuo edita, aucta et emendata**. Apud Hieronymum de Vogel, Lugduni Batav. E 1637. Disponível em: https://books.google.com.br/googlebooks/images/kennedy/insert_link.png Acesso em: 4 jul. 2023.

GROTIUS, Hugo. **Poemata: per G. Grotium denuo edita, aucta et emendata**. Apud Hieronymum de Vogel, Lugduni Batav. E 1639. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=3t-toAAAAcAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 4 jul. 2023.

GROTIUS, Hugo. **Of the law of warre and peace. With annotations III parts. And memorials of the authors life and death**. Trad.: Clement Barksdale, London: Printed by T. Warren, for W. Lee, 1654. Disponível em: < <https://collections.lib.utah.edu/ark:/87278/s6hh82x9> >. Acesso em: 4 jul. 2023.

HEINSIUS, Daniel. Hugo Grotius, “Memorials of the Author’s Life and Death”. In: GROTIUS, Hugo. **The Law of Warre and Peace with Annotations**. Trad.: Clement Barksdale, 1654.

LESAFFER, Randall; NIJMAN, Janne E. “Introduction”. In: Ibidem (eds.). **The Cambridge Companion to Hugo Grotius**. Cambridge, New York: Cambridge University Press, 2021. p. 1-16.

LESAFFER, Randall; NIJMAN, Janne E. (eds.). **The Cambridge Companion to Hugo Grotius**. Cambridge, New York: Cambridge University Press, 2021.

NELLEN, Henk. “Life and intellectual development: an introductory biographical sketch”. In: LESAFFER, Randall; NIJMAN, Janne E. (eds.). **The Cambridge Companion to Hugo Grotius**. Cambridge, New York: Cambridge University Press, 2021. p. 17-45.

NORONHA DE ANDRADE, T. “Omnia vincit amor: A teoria do amor platonius e os Emblemata de Andrea Alciato”. In: **Figura: Studies on the Classical Tradition**, Campinas, SP, v. 8, n. 1, p. 299–320, 2020. DOI: 10.20396/figura.v8i1.13588.

RABBIE, Edwin. “Grotius as Legal, Political and Diplomatic Official in the Dutch Republic”. In: LESAFFER, Randall; NIJMAN, Janne E. (eds.). **The Cambridge Companion to Hugo Grotius**. Cambridge, New York: Cambridge University Press, 2021.p. 45-64.

SAUKA, Mariana Yelena. **O livro de emblemas de Andrea Alciato: apresentação e tradução**. 2016. Dissertação (Mestrado) - Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Guarulhos, 2016. Disponível em: Acesso em: < <https://repositorio.unifesp.br/handle/11600/46221> >. 15 ago. 2023.

SELLIN, Paul R. **Daniel Heinsius and Stuart England**. With a short-title checklist of the works of Daniel Heinsius. Leiden e Oxford: University Press e Oxford University Press 1968

Submetido em: 03-11-2023

Aceito em: 16-11-2023